

Do idealismo educacional: o manifesto dos pioneiros como propositura de mudanças

Educational idealism: the pioneers manifesto as a proposition for change

Idealismo educativo: el manifiesto de los pioneros como propuesta de cambio

DOI: 10.54033/cadpedv21n12-208

Originals received: 10/25/2024

Acceptance for publication: 11/15/2024

Sérgio Nunes de Jesus

Doutor em Ciências da Linguagem

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO)

Endereço: Cacoal, Rondônia, Brasil

E-mail: grupo.pda.ifro@gmail.com

Simone Matia da Silva

Especialista em Linguística e Análise do Discurso

Instituição: EEEFM Carlos Gomes (SEDUC-RO)

Endereço: Cacoal, Rondônia, Brasil

E-mail: teacher.simone.matia@gmail.com

Juliana dos Santos Figueiredo

Mestre em História e Estudos Culturais

Instituição: Prefeitura Municipal de Rolim de Moura

Endereço: Rolim de Moura, Rondônia, Brasil

E-mail: julianatutorauab@gmail.com

Cristiane Cardoso da Silva

Especialista em Língua Portuguesa e Oratória

Instituição: Prefeitura Municipal de Pimenta Bueno

Endereço: Pimenta Bueno, Rondônia, Brasil

E-mail: cc4367699@gmail.com

Nara Dantas de Azevedo

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS)

Instituição: Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Endereço: Caetité, Bahia, Brasil

E-mail: narazevedo@gmail.com

RESUMO

O presente artigo explora de maneira categórica a influência do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, publicado em 1932, na transformação do sistema educacional brasileiro. Assim, o documento, elaborado por educadores progressistas, propuseram uma educação que valoriza a formação integral do indivíduo e, ao mesmo tempo, enfatiza a necessidade de uma pedagogia ativa e contextualizada. Os pioneiros defenderam a superação dos métodos tradicionais e a adoção de práticas que promovam a criatividade, o pensamento crítico e a participação dos alunos no processo educativo. A proposta de uma educação laica, democrática e voltada para a realidade social é central, pois busca atender às demandas de um Brasil em constante processo de transformação. O idealismo educacional presente no manifesto serve como um chamado à reflexão sobre os desafios contemporâneos da educação, incentivando a busca por inovações que respeitem a diversidade cultural e promovam uma formação mais inclusiva e equitativa, alinhada aos direitos humanos e às necessidades da sociedade atual.

Palavras-chave: Idealismo Educacional. Manifesto dos Pioneiros. Educação Nova. Formação Integral. Inovação Pedagógica.

ABSTRACT

This article categorically explores the influence of the Manifesto of the Pioneers of New Education, published in 1932, on the transformation of the Brazilian educational system. Thus, the document, prepared by progressive educators, proposed an education that values the integral formation of the individual and, at the same time, emphasizes the need for an active and contextualized pedagogy. The pioneers advocated overcoming traditional methods and adopting practices that promote creativity, critical thinking and student participation in the educational process. The proposal for a secular, democratic education focused on social reality is central, as it seeks to meet the demands of a Brazil in a constant process of transformation. The educational idealism present in the manifesto serves as a call to reflect on the contemporary challenges of education, encouraging the search for innovations that respect cultural diversity and promote more inclusive and equitable training, aligned with human rights and the needs of today's society.

Keywords: Educational Idealism. Manifesto of the Pioneers. New Education. Comprehensive Training. Pedagogical Innovation.

RESUMEN

Este artículo explora categóricamente la influencia del Manifiesto de los Pioneros de la Nueva Educación, publicado en 1932, en la transformación del sistema educativo brasileño. Así, el documento, elaborado por educadores progresistas, propone una educación que valora la formación integral del individuo y, al mismo tiempo, enfatiza la necesidad de una pedagogía activa y contextualizada. Los pioneros abogaron por superar los métodos tradicionales y adoptar prácticas que promuevan la creatividad, el pensamiento crítico y la participación de los estudiantes en el proceso educativo. La propuesta de una educación laica,

democrática y centrada en la realidad social es central, ya que busca atender las demandas de un Brasil en constante proceso de transformación. El idealismo educativo presente en el manifiesto sirve como un llamado a reflexionar sobre los desafíos contemporáneos de la educación, fomentando la búsqueda de innovaciones que respeten la diversidad cultural y promuevan una formación más inclusiva y equitativa, alineada con los derechos humanos y las necesidades de la sociedad actual.

Palabras clave: Idealismo Educativo. Manifiesto de los Pioneros. Nueva Educación. Formación Integral. Innovación Pedagógica.

*Só existirá democracia no Brasil
no dia em que se montar no país
a máquina que prepara as democracias.
Essa máquina é a da escola pública.
(Anísio Teixeira)*

1 INTRODUÇÃO

1.1 PARA PENSAR...

O nosso objetivo neste pequeno ensaio é enfatizar a questão do ideário educacional a partir das análises constitutivas no Manifesto dos Pioneiros (MPs), logo, observa também as bases da pseudo-democracia que, no decorrer das décadas de 1910-1960 e da hegemonia da Escola Nova (EN), ganha efervescência política *nas lutas de classes* que mudaria não só o sistema de ensino, mas também a sociedade brasileira. Desse princípio, Anísio Spínola Teixeira foi um permanente estudioso de nossa educação, a Filosofia da Educação e a Administração Educacional foram os campos a que lhe mais dedicou, sempre esteve preocupado com a formulação de uma política educacional brasileira.

Na administração, sua primeira experiência deu-se na Bahia, 1924, em 1925 é apresentada sua grande reforma de ensino, onde surgem os primeiros e marcantes passos de sua consagrada carreira de administrador, destacando a criação dos *Conselhos Municipais de Educação, Municipalização do Ensino e Autonomia das Escolas* que, foram duas metas sempre presentes com ele. Destarte, defendeu a escola pública, como prioridade no nosso sistema educacional, especialmente no que se referia ao ensino primário, que a seu ver, deveria ser obrigatório e gratuito.

É importante considerar o estudo do Manifesto como relação de poder e ideologia educacional. Assim, contribui de maneira efetiva nos currículos e, ao mesmo tempo, serve de inspirações para mudanças sociais na qualidade da educação, lideranças e a participação cidadã.

Isto posto, o nosso principal objetivo é compreender como o manifesto dos pioneiros da educação brasileira contribuíram para a formulação de um idealismo educacional que visa promover mudanças sociais e educacionais, e como essas ideias podem ser aplicadas para melhorar a qualidade da educação no Brasil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ANÍSIO TEIXEIRA E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A reforma de 1925, é que iria projetá-lo no cenário educacional do Brasil, propondo mudanças e melhorias para o sistema vigente. Como diretor da *Educação na Bahia*, viajou por diversos países do mundo e estudou nos EUA. Conheceu bem os pensamentos de John Dewey, Kilpatrick Monroe e tantos outros mestres da pedagogia identificada com a realidade brasileira. Foi para o Rio de Janeiro a convite de Pedro Ernesto. Voltaria dando mostra a sua capacidade com os problemas educacionais brasileiro, formulando propostas das mais avançadas, só formulava soluções para o futuro bem próximo, em martírio a visão do futuro, superando a todos os pensadores da época. Muitos pensamentos e realizações do seu tempo continuaram plenamente atuais.

Na Bahia e no Rio, surgiram os primeiros educadores influenciados por suas ideias. Com a implantação do assim chamado *Estado Novo*, afastou-se da vida pública, sem se afastar dos estudos e análises educacionais brasileiros. Ele viveu um intenso período de reflexão.

Em 1946, o Brasil voltou com o regime democrático e Otávio Mangabeira, governador da Bahia, o convoca para seu secretário de Educação e Saúde, assim, estaria consagrado como um dos grandes educadores brasileiros e dos melhores administradores na sua área. Marcou época na Bahia, não tendo sido superado por nenhum dos seus sucessores.

O pensamento de Anísio Teixeira continuou da maior atualidade em termos de estrutura e funcionamento do ensino, a concepção do *Centro Educacional*, dele ultrapassará o século XX sem ser superados. A administração no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) foi o ponto mais alto de sua carreira de administrador educacional, o trabalho realizado consolidou a importância de sua obra, através deste intenso trabalho, transmitindo a doutrina Pedagógica e, influenciando também centenas de educadores brasileiros, muitos dos quais se projetaram nacionalmente e declararam seguidores do seu pensamento.

Pode-se afirmar que, ele é o Educador brasileiro mais estudado e citado. A sistematização do seu pensamento continua sendo um desafio aos novos educadores brasileiros. Agora, ante ao século XXI, Anísio Teixeira, representará para a educação brasileira o mesmo que John Dewey, no século XIX, representou a educação dos EUA.

A obra e o pensamento devem ser obrigatoriamente estudados por quantos desejem interpretar a realidade educacional brasileira. Onde, sua vida foi dedicada à construção de uma pedagogia e política educacional voltada à realidade social do Brasil, sempre com ideal de construirmos por meio da educação uma sociedade justa, solidária e participativa. Dentre os inúmeros trabalhos publicados de Anísio Teixeira, podemos destacar três deles que fundamentam não só a sua filosofia como educador, mas também um pensamento que sempre esteve além da sua época – não só como teórico e conhecedor da práxis da educação brasileira.

Na obra *Educação no Brasil*, ele aborda de que maneira os padrões da crise do sistema educacional podem afetar a administração e a uma possível reconstrução da educação a partir das Leis de Diretrizes e Bases – deixando as primeiras perspectivas de uma revolução que possa atender as classes menos favorecida da sociedade brasileira.

Em seguida, rever a questão em *Educação para a democracia* problematiza as instâncias da educação brasileira desde a educação infantil até a universidade – colocando a administração e o sistema escolar como um aparelho de Estado que sempre dependerá desse para que possa mudar. Mas é em *Educação não é*

privilégio que Anísio Teixeira passa a trabalhar as bases da educação como princípio da transformação do homem na sociedade.

A partir dessa perspectiva, o dualismo Escola/Política fará parte da reconstrução do sistema escolar brasileiro pensado e, ao mesmo tempo debatido desde a década de 1930. Década de caráter primordial para que possamos entender a filosofia da democratização educacional brasileira, desde a criação do Manifesto dos Pioneiros – esse um dos documentos se não o mais importante para se entender a democracia na Educação do Brasil – não só com Anísio Teixeira, mas também com outros.

2.2 POR UMA FILOSOFIA DA AÇÃO

*A educação não é um privilégio
 é um direito de todos.
 (Anísio Teixeira)*

Para Anísio Teixeira, o único caminho que possibilitaria ao crescimento de uma sociedade – via de regra, a educação. Nesse sentido, esse desenvolvimento estaria engajado em algumas premissas: a biológica, a histórico-social, a científica e a cultural – tendo cada um desses processos o fator de condição humana para a educação.

A consciência do homem a partir das condições estabelecidas por Anísio Teixeira sempre esteve pautado na conquista do saber, bem como em sua aplicação à vida – esse estabelecendo projetos que possibilitariam a educação dos poucos privilegiados – reelaborando uma intrínseca relação entre a educação e a política na sociedade.

Num dos seus discursos Anísio proferiu que

[...] nas alturas do século XVIII, amadureceu a possibilidade, e com ela a idéia e disposição, de oferecer a educação a *todos*. Algumas nações, então, generalizaram a escola para todos, esforço em que agora se debatem as nações subdesenvolvidas. (Anísio Teixeira, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos – v. 56, nº. 124, out./dez. 1971) (grifo do autor)

Podemos perceber que a *generalização* foi um dos problemas e, ainda é – pois se for observado o número e a quantidade de escolas tendo como princípio

básico o processo de ensino – veremos que essa preocupação sempre foi e será uma das mazelas dessa expansão da escola para *todos*.

Diferente dos países desenvolvidos, Anísio apregoara que a educação individualizada – aquela que tem como prioridade educar cada criança *uma a uma* é a maneira de não simplesmente adaptar a educação do passado, mas fazer dela uma auto-realização para cada aluno durante o processo. Vê-se então que, essa *política de educação para todos*, não só é viável, como também favorece o desempenho cultural e a formação constante dessa criança até a fase adulta.

Para tanto, cabe aqui entender que, um projeto como pensava Anísio Teixeira – era inevitável uma negação diante dos governos que se sucederam ao longo dos 50 anos à frente da Educação Nacional. Todavia, não cabe aqui também tentar moldar o sistema educacional de ensino no Brasil, mas tentar simplificar o que pode ser equacionado – o que foi iniciado com o Manifesto dos Pioneiros. Não houve receitas apenas ideias e idealistas que tentaram promover o que podemos chamar de democracia educacional, onde foi mal compreendido como uma tendência comunista. Anísio Teixeira – um dos seus mentores, também não foi compreendido – tentou democratizar o sistema de ensino no Brasil por meio de mudanças paradigmáticas, mas caiu em desatino do seu algoz: o Sistema que antes lhe estendera a mão e ora, virou-lhe as costas.

Embora a filosofia educacional brasileira estivesse sempre nos preceitos de Anísio Teixeira, este buscou em John Dewey teorias que pudessem justificar não só o que acreditava para a Educação Brasileira, mas ideais que pudessem tornar seus argumentos vivos e incombateis diante das negações vividas e impostas durante a aplicação de suas filosofias. As teorias que vinculam e compreendem ao mesmo tempo o homem e seu conhecimento de mundo na sociedade serve como um esclarecimento da filosofia, para tentarmos entender o processo da educação. Segundo a visão sofista ao se investir aos costumes e práticas, suas necessidades eram investidas em mudanças e no cultivo dessas para a sociedade.

Especular nesse sentido para os sofistas simbolizava um momento histórico na formulação do pensamento, como também na tradição – que podemos sintetizar pelos aspectos culturais – voltados à educação, diga-se de

passagem: [...] “de nossa época sem que antes nos detenhamos nesses recuados primórdios da civilização” [...] (Teixeira, 1977, p. 11).

2.3 DO MANIFESTO DOS PIONEIROS À DEMOCRACIA

O instrumento da democracia – nunca será demais insistir – é a educação popular, isto é, e educação de todos para a vida comum de alguns – selecionados dentre todos – para as funções especializadas da sociedade democrática e progressiva.
 (Anísio Teixeira)

Dada a importância do caráter do *Manifesto dos Pioneiros* para a Educação Brasileira – é louvável que se conheça sua caracterização. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras, evidencia que é um *documento em que se torna pública declaração de princípios ou propósitos de interesse geral* (p. 820). Logo, percebemos assim que há um objetivo que centraliza o que deve e pode ser dito para um bem comum.

Esse documento educacional redigido em 1932 tinha como princípio rever questões políticas na educação que poderiam, de certa maneira, mudar ou iniciar processos que pudessem contribuir a defesa da chama Escola Nova. Para entender essa perspectiva nacional, devemos observar que casos semelhantes aconteceram na Europa e Estados Unidos – porém, em nosso caso, temos um caráter estritamente nacional como uma virtude dos idealistas que propuseram esse documento.

Diferente da Europa e dos Estados Unidos, o Manifesto dos Pioneiros buscou, de certa maneira, uma hegemonia para estabelecer quais os encaminhamentos pertinentes à educação brasileira – que visava um novo olhar - prático diante das mazelas encontradas à época. Onde pode ser revisto também que além da Revolução de 1930 e a Era Vargas provocará, de certa forma, a dissolução de diversos grupos – desses fundindo alguns idealistas da Escola Nova – entre eles, Anísio Spínola Teixeira que combateu veemente as mudanças no sistema educacional brasileiro.

2.4 DA HISTÓRIA PARA A ESCOLA NOVA – PERSPECTIVAS NA DA LINGUAGEM

Nos idos da década de 1920, diversos confrontos foram marcados pelas divergências que foram instauradas pela crise econômica, agrária e, acima de tudo, a entrada do Brasil no mundo capitalista. Esses fatores culminaram de certa maneira, posicionamentos dessa entrada do Brasil no mercado industrial – exigindo assim, mão-de-obra que atendesse a essa nova estrutura na produção e acúmulo do capital brasileiro.

A partir de 1930, órgãos foram criados que, ao menos, atendesse a esse novo mercado como o Ministério da Educação e Saúde Pública – sancionada pelo então governo provisório que decretou para que se organizasse o ensino secundário e universidades – tais decretos, na época eram chamados de Reforma Francisco Campos. Para tanto, Esse mesmo governo passou por inúmeras instabilidades das qual uma delas manifestou a Revolução Constitucionalista em São Paulo em 1932, ano da criação do Manifesto dos Pioneiros redigido por Fernando de Azevedo e assinado por educadores que buscavam os mesmos ideais de mudança para a Educação Brasileira.

Dessa instabilidade, do período de Getúlio Vargas, ou getulista, como era chamado, o golpe era inevitável, então, alguns decretos foram instaurados como suportes no sistema de ensino nacional como:

- O **Decreto 19.850**, de 11 de abril, cria o **Conselho Nacional de Educação** e os **Conselhos Estaduais de Educação** (que só vão começar a funcionar em 1934).
- O **Decreto 19.851**, de 11 de abril, institui o **Estatuto das Universidades Brasileiras** que dispõe sobre a organização do ensino superior no Brasil e adota o regime universitário.
- O **Decreto 19.852**, de 11 de abril, dispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro.
- O **Decreto 19.890**, de 18 de abril, dispõe sobre a organização do ensino secundário.
- O **Decreto 20.158**, de 30 de julho, organiza o ensino comercial, regulamenta a profissão de contador e dá outras providências.
- O **Decreto 21.241**, de 14 de abril, consolida as disposições sobre o ensino secundário. (grifos nossos)

Como podemos observar, alguns desses paliativos instaurados pelo Governo na época, serviram, de certa maneira, para a formulação ideária do

Manifesto dos Pioneiros. Para melhor compreensão dessa problemática, se faz necessário rever alguns recortes que tomamos como base na delimitação *idealista* e, ao mesmo tempo *democrática* nas mudanças da Educação Brasileira – essa a partir de princípios delegados aos seus afiliados no escolanovismo.

Para analisar os recortes do *Manifesto dos Pioneiros* a seguir, utilizaremos a *Sequência Discursiva* ou (Sd), termo utilizado na Análise do Discurso (AD), fundada pelo filósofo francês Michel Pêcheux, na década de 1960, como suporte de interpretações a partir do texto.

2.4.1 A reconstrução educacional no Brasil (ao povo e ao governo)

Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe pode disputar a primazia nos ***planos de reconstrução nacional***. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade. No entanto, ***se depois de 43 anos de regime republicano, se der um balanço ao estado atual da educação pública, no Brasil, se verificará que, dissociadas sempre as reformas econômicas e educacionais, que era indispensável entrelaçar e encadear, dirigindo-as no mesmo sentido, todos os nossos esforços, sem unidade de plano e sem espírito de continuidade, não logrou ainda criar um sistema de organização escolar, à altura das necessidades modernas e das necessidades do país***. Tudo fragmentário e desarticulado. A situação atual, criada pela sucessão periódica de reformas parciais e freqüentemente arbitrarias, lançadas sem solidez econômica e sem uma visão global do problema, em todos os seus aspectos, nos deixa antes a ***impressão desoladora de construções isoladas, algumas já em ruína, outras abandonadas em seus alicerces, e as melhores, ainda não em termos de serem despojadas de seus andaimes...*** (SD1)¹ (grifo nosso)

¹ Sequência Discursiva (Sd), nome utilizado nas Teorias da Análise do Discurso.

Pode-se observar nessa (Sd1) que a partir do título: *A RECONSTRUÇÃO EDUCACIONAL NO BRASIL (AO POVO E AO GOVERNO)* tem os interlocutores, os afiliados do Manifesto, endereçando seus objetivos educacionais para o *povo* como agentes da situação e ao *governo* como o sistema que manipula e que, de certa maneira, dita as regras. Essa forma de manipulação discursiva se torna importante no entendimento de um dado contexto social, pois é um desejo manifestado, ou um grito que ecoa na palavra **A RECONSTRUÇÃO** – onde dá a noção de algo que estava pronto e não era o suficiente para atender ao *povo* – na ênfase dada em **AO POVO E AO GOVERNO**. Ao enfatizar entre parênteses essa passagem o discurso se torna dependente dos fragmentos que constituirão o texto ou parágrafo como suporte no/do discurso transcrito.

No primeiro parágrafo que segue após o título, a (Sd2) **planos de reconstrução nacional**, em primeiro momento, não parece ser viável como anteriormente (suposto) e instaurado pelo governo, onde seus valores educacionais sempre foram secundários, por isso esse novo *plano* seria a verdadeira reconstrução que o sistema educacional por uma Escola Nova apregoa com veemência – não só filosoficamente, como na sua essência política a partir do cenário nacional.

Para tanto, para podemos entender melhor o ponto de vista anteriormente citado, veremos a (Sd3) [...] **(se) depois de 43 anos de regime republicano, (se) der um balanço ao estado atual da educação pública, no Brasil, (se) verificará que, dissociadas sempre as reformas econômicas e educacionais, que era indispensável entrelaçar e encadear, dirigindo-as no mesmo sentido, todos os nossos esforços, sem unidade de plano e sem espírito de continuidade, não logrou ainda criar um sistema de organização escolar, à altura das necessidades modernas e das necessidades do país.** A (Sd3) no corpo do seu parágrafo encadeia uma sequência de 3 (três) **(se)** condicional – percebemos assim que os idealistas antes de qualquer crítica possibilita que o Estado não apenas reveja as falhas anteriormente tidas como soluções, como também possibilita uma mudança em parceria e que essa atenda as necessidades do país. Isto posta, em busca da organização como caráter inevitável na Educação Pública brasileira – fundamentos prioritários numa reforma educacional.

Na sequência discursiva de (Sd4) [...] ***impressão desoladora de construções isoladas, algumas já em ruína, outras abandonadas em seus alicerces, e as melhores, ainda não em termos de serem despojadas de seus andaimes...*** - o descontentamento é latente como um apelo para que as mudanças sejam atendidas – onde o que foi instituído pelo sistema de ensino anterior além de não mais fazer parte dessa *nova realidade educativa* causa vergonha e precisa ser alterado.

Nesse primeiro momento, as análises das (Sds: 1, 2, 3 e 4), constatamos um dos principais preceitos do Manifesto dos Pioneiros: *a preocupação incondicional de mudanças que pudessem servir de base para a chamada Escola Nova.*

É importante salientar que um processo democrático se configura pela história constituída do seu país, por isso na história da educação algumas datas são importantes para essa abordagem como segue abaixo de 1930 a 1936, retrate parte desses ideais que se constituíram no decorrer na Educação Brasileira. Cada uma das abordagens anteriormente citadas fez com que o caráter social e cultural e político do sistema educacional brasileiro se constituíssem por meio das opiniões dadas pelos afiliados do Manifesto.

Ao expressar a posição desse grupo, o Manifesto como instrumento político [...] “provocou o rompimento entre o grupo dos renovadores e o grupo católico que decidiu retirar-se da ABE (Associação Brasileira de Educação) e fundar, em 1933, sua própria associação materializada na Confederação Católica Brasileira de Educação” [...], segundo (Saviani, 2008, p. 78).

Para tanto, havia uma preocupação imanente com o Manifesto, pois numa carta de Fernando de Azevedo endereçada a Anísio Teixeira, datada de 12 de março de 1932, afirma que: [...] “é preciso estarmos vigilantes para obtermos desse Manifesto todo o efeito que procuramos, já de irradiação de ideias, já de consolidação do bloco ou do grupo que se vai lançar” [...] (Xavier, 20002, p. 29 *apud* Saviani, 2008, p. 79). Essa reiteração idealista como podemos perceber, nessa pequena passagem que a virtude idealista tenta se transfigurar em virtude democrática ao pretender uma suposta mudança não apenas por um documento, mas também em sua repercussão e prática no sistema educacional vigente – que

deveria ser urgentemente alterado para o benefício do *povo* e para o *povo*.

Há quem defenda a não democracia na Escola Nova (EN) – podemos assegurar, no entanto que, ideólogos escolásticos podem proclamá-la ou aclamá-la – mas o nosso objetivo não é essa discussão – então adotaremos, por conseguinte, procedimentos democráticos que viabilizaram esses princípios dessa escola, que são fundamentados até hoje (e são mascarados pelas leis).

Algumas consequências se encadearam no sistema educacional brasileiro uma vez que entre as décadas de 1930 – 1970 as reformas instituídas pela Lei nº. 5.692 tinham como objetivo que as escolas interferissem a partir do ponto de vista político interno em cada uma delas.

Com a fundação da Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1924, foram inseridos educadores que compuseram à frente do Manifesto em 1932 e eram tidos como Pioneiros Novos, esses tiveram confrontos católicos que se desvincularam dessa associação para formar uma nova frente de educadores no Brasil – criando a primeira Conferência no ano seguinte após o Manifesto. Nesse sentido, ao passar dos anos, na década de 1960 esse movimento do escolanovismo atinge seu ponto máximo, pois na política educacional atinge a comunicação de massa e as tecnologias voltadas para a educação.

Para Jorge Nagle *apud* Saviani, (2008, p. 41) as mudanças no sistema educacional poderiam ser chamadas de [...] “o entusiasmo pela educação e otimismo pedagógico. Ambos os conceitos formaram instrumentos de participação política da escola tendo como base a questão política!”

Nas décadas de (1910-1920) segundo Saviani (2008, p. 41-2):

[...] foram muito ricas em movimentos populares que reivindicavam uma participação maior na sociedade, e faziam reivindicações também do ponto de vista escolar. [...] a década de 1920 foi uma década de grande tensão, de grande agitação, de crise de hegemonia das oligarquias até os dominantes. Essa crise de hegemonia foi de certo modo aguçada pela organização dos trabalhadores; várias greves operárias surgiram nesse período e vários movimentos organizacionais também se deram.

De qualquer sorte, o nascimento do escolanovismo trouxe preocupações políticas e sociais no que diz respeito à escola na época. A escola como instrumento da participação da sociedade resolveria em parte o que Nagle *apud*

Saviani, (2008, p. 42) aponta como [...] “otimismo pedagógico” [...] que acreditava no plano interno e das técnicas-pedagógicas desse método.

A Escola Nova por sua vez, deveria desempenhar os mecanismos da hegemonia dominante preocupando-se em apenas na mudança dos métodos, objetivo e conteúdos que se aproximasse no outro ponto apontado por Nagle (*apud* Saviani, 2008, p. 42): [...] “entusiasmo pela educação a partir da quantidade” [...] para a *qualidade* educacional:

[...] é que quando a burguesia acenava com a escola para todos [...], ela estava num período capaz de expressar os seus interesses abarcando também os interesses das demais classes. Nesse sentido, advogar escola para todos correspondia ao interesse da burguesia, porque era importante uma ordem democrática consolidada e correspondida também ao interesse do operariado, do proletário, porque para ele era importante participar do processo político, participar das decisões.

Nessa contradição de interesses os ideais tornam-se cada vez mais pautados nas perspectivas de quem domina, pois seria mais fácil e menos conflitantes para quem governa. Um povo sem uma instrução devida, não vota em quem precisa – assim, facilitando a não escolha dos *melhores* ou *menos piores* para a sociedade dentro dessa perspectiva do dominante.

Foi com a EN que houve mudanças para que melhorasse o ensino das elites e se a escola não funcionasse bem, deveria ser transformada – assim pensava a burguesia. Mas, por outro lado, o ensino das camadas *populares* ou *proletárias* permanecia ou piorava, pois não havia um interesse em modificá-la. É válido ressaltar que nem todos pensavam dessa forma, até mesmo aqueles afiliados ao Manifesto dos Pioneiros que objetivavam outros princípios educacionais para a melhoria da educação como um todo – entre eles Anísio Spínola Teixeira, defensor árduo das classes menos favorecidas e abastardas da sociedade e com o intuito de mudar para a democracia e para isso deveria ser mudado acima de tudo: a escola pública brasileira.

Com o crescimento do escolanovismo a partir de 1930 houve um desaparecimento gritante dos movimentos populares que antes era atuante e adequavam-se aos seus interesses com reivindicação – esse momento só foi possível porque os movimentos eram organizados e tinham, de certa forma uma

origem *marxista*, *socialista* ou até mesmo *anarquista* – possibilitando assim certo grau de direitos e deveres sociais.

2.5 POR QUE O IDEALISMO EDUCACIONAL?

[...] o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação.
(Dermeval Saviani)

Nessa mesma linha de raciocínio das abordagens acima discutidas, vamos perceber que esse ideal embora transformado, modificado e adaptado no contexto educacional brasileiro tem de certa forma, sua gênese vinculada a partir do Manifesto dos Pioneiros que veremos a seguir após análises em suas Sds.

Vamos observar que cada subtítulo aclamado em suas epígrafes no decorrer do Manifesto fala por mesma, sem uma prévia interpretativa até mesmo dos menos afortunados do saber escolar que na época passava por modificações que afetavam não só o proletariado, como também a burguesia que se preocupava em uma não escolarização adequado para o proletariado.

A seguir, temos como base na (Sd5) o subtítulo **Movimento de renovação educacional**. Vamos entender o signo (Movimento) que segundo Dicionário escolar da língua portuguesa/ABL (2008, p. 884), aborda 9 (nove) conceitos, porém, apenas um deles faz *jus* ao que pretendemos, o nº. 6., Grupo, organização, partido etc. que visam a um objetivo comum. Assim foi o Manifesto dos Pioneiros – objetivava uma substituição, um reinício ou uma aquisição nova do sistema educacional brasileiro que, até aquele momento deixava a desejar criando um conflito interno entre filosofias e ideias divergentes às mudanças na educação.

2.5.1 Movimento de renovação educacional

À luz dessas verdades e sob a inspiração de novos ideais de educação, é que se gerou, no Brasil, o movimento de reconstrução educacional, com que, reagindo contra o empirismo dominante, pretendeu um grupo de educadores,

nestes últimos doze anos, transferirem do terreno administrativo para os planos político-sociais a solução dos problemas escolares. Não foram ataques injustos que abalaram o prestígio das instituições antigas; foram essas instituições criações artificiais ou deformadas pelo egoísmo e pela rotina, a que serviram de abrigo, que tornaram inevitáveis os ataques contra elas.

De fato, porque os nossos métodos de educação haviam de continuar a ser tão prodigiosamente rotineiros, enquanto no México, no Uruguai, na Argentina e no Chile, para só falar na América espanhola, já se operavam transformações profundas no aparelho educacional, reorganizado em novas bases e em ordem a finalidades lucidamente descortinadas? Porque os nossos programas se haviam ainda de fixar nos quadros de segregação social, em que os encerrou a república, há 43 anos, enquanto nossos meios de locomoção e os processos de indústria centuplicaram de eficácia, em pouco mais de um quartel de século? Porque a escola havia de permanecer, entre nós, isolada do ambiente, como uma instituição enquistada no meio social, sem meios de influir sobre ele, quando, por toda a parte, rompendo a barreira das tradições, a ação educativa já desbordava a escola, articulando-se com as outras instituições sociais, para estender o seu raio de influência e de ação?

Dentro dessas perspectivas passemos a (Sd6): À luz dessas verdades e sob a inspiração de novos ideais de educação, é que se gerou, no Brasil, o movimento de reconstrução educacional, com que, reagindo contra o empirismo dominante, pretendeu um grupo de educadores, nestes últimos doze anos, transferir do terreno administrativo para os planos político-sociais a solução dos problemas escolares. Essas perspectivas transcritas no faz perceber o que Althusser (1985, p. 70) aborda que [...] “os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam principalmente por meio da ideologia, e secundariamente através da repressão seja ela bastante atenuada, dissimulada, ou mesmo simbólica” [...]. Dessa forma, a Escola, as Igrejas [...] “moldam por métodos próprios de sanções, exclusões, seleção” etc. [...].

Os ideais do Manifesto além buscar uma nova possibilidade de mudança deixa também perceber de como o Aparelho de Estado manipula e impõe a Escola como um dos seus aparelhos ideológicos que moldados ao bel prazer do Estado,

exclui de maneira direta os menos favorecidos: o proletariado. Essa determinação ideológica faz com que a Escola funcione como contradição, onde funcionários, técnicos e professores ao invés de valorizar a educação em prol do entendimento do alunado, faz o contrário – seus objetivos são meros paliativos que nunca passam de uma flexibilidade em termos de conhecimentos das práticas e saberes educacionais para o Estado.

Em seguida, os questionamentos da (Sd7): De fato, porque os nossos métodos de educação haviam de continuar a ser tão prodigiosamente rotineiros, enquanto no México, no Uruguai, na Argentina e no Chile, para só falar na América espanhola, já se operavam transformações profundas no aparelho educacional, reorganizado em novas bases e em ordem a finalidades lucidamente descortinadas? Na (Sd7), o Manifesto faz uma retomada da visão do escolanovismo que propunha e, ao mesmo tempo, condenava veemente o poder ideológico do Estado que trabalhava a seu favor.

Na mesma sequência o Sistema de Educação do Brasil é duramente atacado na comparação que é feita de países latino-americanos, dos quais as mudanças foram significantes e o Brasil como uma potencia mundial na época – constituía de falhas constantes em seu aparelho ideológico – a *Escola*. Embora um dos questionamentos se prevaleça em comparações com países menos favorecidos no que diz respeito à estruturação de um sistema educacional, outra preocupação é também exposta na (Sd8) quando aponta porque a escola havia de permanecer, entre nós, isolada do ambiente, como uma instituição enquistada no meio social. Assim, sem meios de influir sobre ele, quando, por toda a parte, rompendo a barreira das tradições, a ação educativa já desbordava a escola, articulando-se com as outras instituições sociais, para estender o seu raio de influência e de ação?

É importante salientar nessa perspectiva que, era viável rever questões como conteúdos da aprendizagem das camadas populares, essas que não dominavam os conteúdos culturais - atividades e as áreas de estudos a partir dos suportes de uma reformulação curricular – rompendo as barreiras de um sistema que mal sabia dirigir a Escola que coordenava – pois para Saviani (2008, p. 45) [...] “o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os

dominadores dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação”. Essa virtude estritamente política veicula-se por meio da burguesia que instrumentaliza essas condições e faz valer interesses políticos das duas classes: da burguesia e do proletariado. Isso se dá segundo Althusser (1985, p. 93) porque [...] “só há ideologia pelo sujeito e para os sujeitos. Ou seja, a ideologia existe para sujeitos concretos, e esta destinação da ideologia só é possível pelo sujeito: isto é, pela categoria de sujeito e de seu funcionamento”. (grifo do autor)

Dessa maneira, é válido e cômodo para o Aparelho Ideológico de Estado de como a Escola atender ao próprio Estado de Direito e não a sociedade que é sua principal via de acesso ao poder (daquele que o dirige). Logo, não há interesse do Estado em mudar a Escola, pois essa voltar-se-á contra o seu detentor. O professor deveria dispor de menos carga horária de trabalho para que pudesse dá mais atenção ao aluno para que esse aluno pudesse desenvolver com perspicácia suas habilidades cognitivas na aprendizagem e a partir daí os alunos poderiam discernir o real do ideal para sua comunidade!

Até agora podemos observar que o caráter iminente da educação se conjumina diretamente aos seus ideais e como esses se desdobram ao fazer parte do sistema ou Aparelho Ideológico, como é o caso da *Nossa Escola*, ou por melhor dizer, da *Escola Nova*, ou até mesmo um novo olhar como propunha o Manifesto dos Pioneiros.

A seguir veremos como o ideal da educação se constituiu no Manifesto pela (Sd9) e seu entrelaçamento com a (Sd10) - essas abordagens darão uma *nova* perspectiva do que podemos vislumbrar como tendência democrática – principalmente no sistema de ensino brasileiro que sofreu e, ainda hoje sofre com alterações que só beneficiam o Estado, ou melhor, dizer, o Aparelho Ideológico.

2.5.2 A democracia, - um programa de longos deveres

Não alimentamos, de certo, ilusões sobre as dificuldades de toda a ordem que apresenta um plano de reconstrução educacional de tão grande alcance e de tão vastas proporções. Mas, temos, com a consciência profunda de uma por uma dessas dificuldades, a disposição obstinada de enfrentá-las, dispostos, como

estamos na defesa de nossos ideais educacionais, para as existências mais agitadas, mais rudes e mais fecundas em realidades, que um homem tenha vivido desde que há homens, aspirações e lutas.

Se a *democracia* de um país é estabelecida como forma de governo desse que é exercido pelo povo por meio de uma soberania – é importante ressaltar que, a todo o momento, o objetivo do Manifesto dos Pioneiros era a busca de um novo ideal que constituiria ideais e que professasse interesses em *prol* da sociedade...

O subtítulo desse último fragmento do manifesto deixa além de visível, audível em suas perspectivas à luz de uma suposta mudança educacional no Brasil. Para melhor simplificar o entendimento, a (Sd9) será composto por fragmentos e, analisados a partir do caráter ideológico, bem como pela tomada da consciência do homem - inseridos no processo educacional.

São abordados na (Sd9) Não alimentamos, de certo, ilusões sobre as dificuldades [...]; [...] com a consciência profunda [...]. No primeiro momento, o fragmento: Não alimentamos, de certo, ilusões sobre as dificuldades [...] podemos destacar que as preocupações são fatores inerentes ao processo educativo onde a realidade desse processo não é condizente ao proposto. Essa maneira de julgar por meio das circunstâncias impostas ao longo da historicização política e educacional foi vista como um grito que sufocava e, ao mesmo tempo, de alívio daqueles idealistas revolucionários que tentaram recompor as forças sociais, bem como populares na construção de uma cidadania escolar e cultural.

Na epígrafe [...] “com a consciência profunda” [...] ainda vinculada ao contexto anterior temos o que Lukács (2003, p. 133) chama de Consciência de classe – vinculada aos ideais marxistas tem a noção de Luta de classes e, nesse sentido, ter consciência profunda como é revista no Manifesto, podemos dizer que essa consciência só se faz *jus* com a luta dessas classes menos favorecidas. Mas dessas pode se formar [...] “uma unidade que é preciso ir, além disso, para compreender a história” (Lukács, 2003, p. 134). Em suma, a tese da Luta de Classes foi importante no Brasil nas décadas de (1920-1930) como exposto anteriormente, pois fez com que as *classes* menos favorecidas se organizassem e reivindicassem direitos que lhes eram tolhidos.

A partir dessa tomada de consciência podemos ratificar com as palavras de Althusser (1985, p. 96) quando diz que [...] “toda a ideologia interpela os indivíduos concretos enquanto sujeitos concretos” [...] e, é dessa maneira, a partir da ideologia que a consciência é manifestada. Em seguida, no fragmento da (Sd10) [...] que um homem tenha vivido desde que há homens, aspirações e lutas. [...].

A luta de classes como categoria de indivíduos são distintos, onde o que importa é a *interpelação* sofrida para que dessa tenha efeito em seu reconhecimento como garantia de seus enfrentamentos e as relações de poder na sociedade, nesse caso podemos dizer que a Escola como Aparelho de Estado faz esse papel no *enfrentamento da luta de classe*.

Poderíamos sintetizar o *idealismo* como essência da *ideologia* – embora esteja na mesma conjuntura sociocultural - é importante separá-las dando assim o valor devido a cada uma delas.

A *ideologia* é manifestada pelas estruturas sociais de um dado sistema político por suas doutrinas e que se manifesta de pessoa para pessoa – já o *idealismo* pode ser considerado como tendência de uma dada ideologia. Mas, via de regra, os dois fatores se integram dentro de um Aparelho Ideológico do Estado e que, por isso dá lugar a luta de classes. Daí podemos perceber que pormenorizar ou buscar melhorias na educação de um país vai além da essência da democracia e, acima de tudo, da luta de classes de uma ideologia – assim podemos mudar uma sociedade: tanto em fatores econômicos – políticos e culturais, como também num dos aparelhos mais importantes para a mudança democrática em um dado país: *a Escola*.

3 METODOLOGIA

A partir das perspectivas arroladas anteriormente – pode-se realizar uma revisão sistemática nos procedimentos metodológicos da literatura sobre o Idealismo Educacional ao focarmos explicitamente na Educação Nova e no Manifesto dos Pioneiros. Assim, anaçisamos de igual maneira textos clássicos e contemporâneos que abordaram a evolução da educação no Brasil e os

fundamentos teóricos do idealismo educacional.

Outrossim, examinamos também o texto do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e identificamos as principais propostas, princípios e objetivos – pois ao comparar essas ideias com documentos educacionais posteriores e legislações relevantes – refletiu assim a influência do manifesto na educação brasileira.

Isto posto, utilizamos métodos de análise qualitativa para interpretar a partir dos conceitos instituídos pela Análise de Discurso de linha francesa com as Sequências Discursivas, doravante, (Sd), buscando identificar padrões, tendências e *insights* sobre a percepção do idealismo educacional e suas implicações práticas. Logo, os resultados da pesquisa pautou-se na elaboração do presente artigo científico - este ao apresentar análise crítica ou relatório, apresentando uma análise crítica das propostas do Manifesto dos Pioneiros e suas repercussões na educação brasileira.

4 CONCLUSÃO

É válido destacar que, nosso objetivo não foi, em hipótese alguma, sermos pretensiosos ao tentar explanar um assunto tão complexo – que é a questão democrática na Educação de um país – pelo contrário, deixamos, de maneira breve, o que acredito ser relevante no processo educacional brasileiro a partir de algumas premissas da historicização da educação, seus princípios, até o Manifesto dos Pioneiros – *Corpus* relevante nessa nossa busca incessante.

Repetir as tendências ideológicas de um sistema educacional é por demais demodê, por isso procurei rever questões que pudessem de qualquer sorte, dar um ponto de apoio ao que me propus - em seguida, revendo por qual o motivo a Escola como Aparelho Ideológico de Estado é manifestado no interior das práticas e dos saberes instituídos dentro do sistema.

A *luta de classes* por sua vez, há décadas não é instaurada como contraditória ao Estado. Apenas se acomoda por não haver oportunidades nem idealismo que possa levá-lo a buscar seus interesses sociais, políticos e culturais na sociedade. Essa forma de conquista depende tão somente da classe

opressora, ou por assim dizer, menos favorecida – pois quem detém o poder – esse transfigurado como classe burguesa (desde os primórdios), se acomoda pela hegemonia existente e latente, protegida pelo sistema que deveria compartilhar e dar oportunidades a quem é excluído esse direito: *o proletariado*.

No Brasil, o processo de democratização sempre esteve à mercê de uma política de poderes que ao se hegemonizarem entre os que *têm* e os que *não têm*. Essa perspectiva nos deixa perceber que a conjuntura da política educacional brasileira ainda tem muito que mudar adaptar e tentar dar oportunidades de participação – para que assim se possa estabelecer uma possível construção idealista na consciência do proletariado na escola e na sociedade.

A questão aqui não é a vantagem ou desvantagem que o idealismo pode trazer para a democratização educacional de um país, pelo contrário – é de tentar mostrar uma tentativa a partir da *tomada de consciência* que deve se vivificar com a ajuda do agente de transformação social (esse que faz parte da ideologia do Estado, o professor), aos alunos – esses transformados condicionalmente pelo que é dito, ou repassado pelo Estado – ideologicamente alienado sem questionar. Mesmo que historicamente tenhamos fracassos e tentativas em nossa conjuntura educacional – foi e é bom. Só assim uma democracia de direito, tem cada um deles, mesmo que *vigiados*, a oportunidade de escrever, falar ou gritar pela mudança *na luta de classes de uma nação*. Esse é o verdadeiro princípio de um idealismo no seu processo de mudanças – na consciência de classe de cada cidadão, de cada educador – princípio básico de uma nação.

Nessas perspectivas acima apontadas – os resultados apontam que a educação brasileira apresenta a visão idealista como instrumento de mudança social e, ao mesmo tempo, valoriza a liberdade, a igualdade e a justiça social. Outrossim, revisita e atualiza as ideias dos pioneiros da educação brasileira como fomentadores de práticas pedagógicas inovadoras que possam fortalecer a formação de professores estabelecer parcerias entre instituições educacionais, governo e sociedade civil. Logo, recomenda questões práticas nas 1. Políticas educacionais; 2. Práticas pedagógicas; 3. Formação de professores; 4. Parcerias institucionais como suportes da relação intrínseca com a história da educação brasileira e as mudanças que dela precisa instituir como prática social.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS.** Dicionário escolar da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado:** nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3. ed. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BORGES, Altamiro. **A América Latina tende à esquerda?** Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/056/56borges.htm>. Acesso em: 18/01/2019.
- BRASIL.** CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. São Paulo: Escala, 2005.
- JESUS, Sérgio Nunes de. **Mudanças de paradigmas na educação.** 150 f. (Monografia - Especialização em Metodologia e Didática do Ensino Superior) - União das Escolas Superiores de Cacoal, Cacoal/RO, 1999. (mimeo).
- JESUS, Sérgio Nunes de. Escola X capital social ideológico: a formação do profissional em educação, mediante a concepção dialética cultural, dentro de um processo de transformação do sujeito. **Ad Litteram**, Pimenta Bueno, nº. 01, p. 54-76, ago./dez. Ano I, 2002.
- JESUS, Sérgio Nunes de (Org.) *et al.* **Manual de metodologia da pesquisa.** Cacoal: AEC, 2006.
- JESUS, Sérgio Nunes de. A leitura na sala de aula: reflexos em ação. In: AMARAL, N. F. G. e TEZARI, N. S. (Orgs.). **Cultura, leitura e linguagem:** discursos de letramentos. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2007. p. 267-274.
- JESUS, Sérgio Nunes de. (Org.). **Educação, cultura & cidadania.** Manaus: BK Editora, 2009a.
- JESUS, Sérgio Nunes de. O professor e a virtude como prática social. **Educação, cultura e linguagem.** Revista Perfil Country, Goiânia, Edição nº. 2, p. 56, 2009b.
- JESUS, Sérgio Nunes de. **Da educação aos princípios educacionais:** fatores constituintes para um idealismo pedagógico. 2010. 138p. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade Tecnológica Intercontinental, Assunção.
- LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe:** estudos sobre a dialética marxista. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Tópicos)

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas/SP: Associados, 2008. (Coleção educação contemporânea).

TEIXEIRA, Anísio. **Educação e o mundo moderno**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1997.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia**: introdução à administração educacional. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

TEIXEIRA, Anísio. Educação: suas fases e seus problemas. **O Centenário**, Caetité, p. 2, 12 de outubro de 2000. Edição Especial do Centenário de Anísio Teixeira. **Publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. V. 56, no. 124, out./dez. 1971.

Disponível em: www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm Acesso: 14 de julho 2019.